

**O PAPEL DA ILUSTRAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS DOS ROMANCES ESTEIROS, DE SOEIRO PEREIRA GOMES E CAPITÃES DA AREIA, DE JORGE AMADO<sup>1</sup>**

PAULETTI, Hicléa Luzia Costa Ton<sup>2</sup>

BOTOSO, Altamir<sup>3</sup>

**RESUMO:** Este artigo tem como objetivo realizar uma reflexão sobre o papel da ilustração nos romances *Esteiros*, de Soeiro Pereira Gomes e *Capitães da areia*, de Jorge Amado, mostrando que a relação entre imagem e texto é muito significativa. A ilustração traz em si a interpretação da obra dando ao leitor uma visão imaginativa e real dentro do contexto em que ela está inserida.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ilustração. *Esteiros*. Soeiro Pereira Gomes. *Capitães da areia*. Jorge Amado. Crítica social.

**ABSTRACT:** This article aims to make a reflection on the role of illustration in the novels *Esteiros*, by Soeiro Pereira Gomes and *Capitães da areia*, by Jorge Amado, showing that the relationship between image and text is very significant. Illustration brings itself the interpretation of the work giving the reader an imaginative and real vision within the context in which it is inserted.

**KEYWORDS:** Illustration. *Esteiros*. Soeiro Pereira Gomes. *Capitães da areia*. Jorge Amado. Social criticism.

O objetivo deste artigo é realizar uma reflexão sobre o papel da ilustração na construção dos sentidos dos romances *Esteiros*, do poeta e romancista português

---

<sup>1</sup> Este texto é parte integrante de um capítulo de nossa dissertação de Mestrado, que vem sendo desenvolvida na Universidade de Marília-SP, com o título de *A representação da infância e da adolescência em Esteiros, de Soeiro Pereira Gomes e Capitães da areia, de Jorge Amado*, sob a orientação do professor doutor Altamir Botoso.

<sup>2</sup> Hicléa Luzia Costa Ton Pauletti é professora de língua portuguesa da rede pública de ensino e aluna do Mestrado em Letras da UNIMAR – Universidade de Marília-SP.

<sup>3</sup> Altamir Botoso é Doutor em Letras pela UNESP, campus de Assis-SP. Atualmente trabalha como docente da UNIMAR, na cidade de Marília-SP.

Soeiro Pereira Gomes e *Capitães da Areia*, do brasileiro Jorge Amado, mostrando que as imagens e ilustrações completam o sentido do texto, dando ao leitor uma visão do real e do imaginativo dentro do contexto da obra.

O artigo está composto de quatro partes. Na primeira, tratamos da Influência das ilustrações na recepção da obra. Na segunda, tecemos algumas observações sobre a ilustração e o livro ilustrado e sobre o diálogo entre texto e imagem, caracterizando as funções da ilustração.

Nas partes terceira e quarta, analisamos as ilustrações nos romances *Esteiros* e *Capitães da Areia*, exemplificando-as com passagens extraídas das obras mencionadas. A seguir, passamos a comentar a importância das ilustrações para a recepção dos textos ficcionais.

## 1. A INFLUÊNCIA DAS ILUSTRAÇÕES NA RECEPÇÃO DA OBRA

A ilustração de obras literárias não é um fenômeno recente, pois já as antigas civilizações como a grega, a egípcia e a chinesa já uniam a literatura com a representação imagética, como aponta Nilce M. Pereira (2009, p. 379):

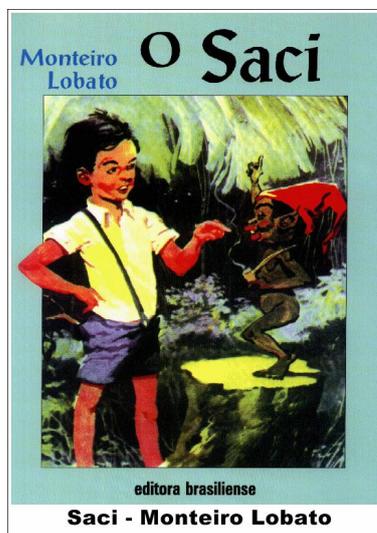
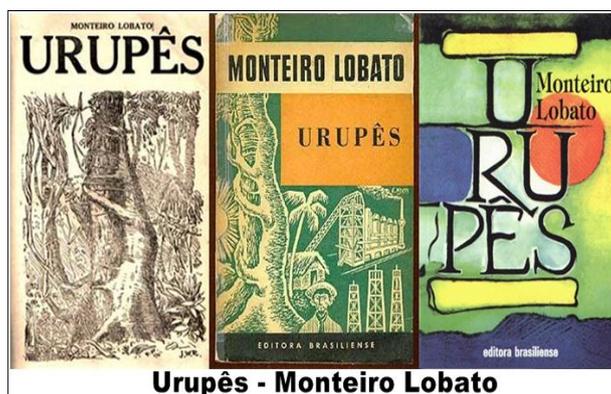
[...] o Livro dos mortos egípcio, uma coletânea de orações, hinos e fórmulas mágicas, elaborada por ocasião de um funeral [...] era totalmente ilustrado [...], os fragmentos de papiros remanescentes de escavações, as seqüências de desenhos em meios como afrescos, mosaicos, terracotas, mármore, entre outros e, em particular os manuscritos bizantinos, comprovam uma intensa atividade ilustrativa na Grécia Antiga. [...] pode-se ir além, [...] [com] a arte oriental chinesa, na qual os livros xilográficos, escritos em madeira – muitos dos quais [...] ilustrados – eram conhecidos desde anteriormente ao século XIV a.C. [...]

Conforme se nota, o trabalho da ilustração foi evoluindo até chegar aos dias atuais e “está intimamente relacionado com a evolução das artes gráficas e o florescimento dos gêneros literários” (PEREIRA, 2009, p. 379). A partir disso, a ilustração passou a ter um papel bastante importante na recepção das obras ficcionais.

De modo geral a ilustração pode ser considerada um fenômeno tardio e, no Brasil, apenas em 1808, com a instauração do decreto de Criação e Impressão Régia pelo príncipe regente D. João VI, começou-se a dar forma à impressão de imagens (TEIXEIRA LEITE, 1966 apud PEREIRA, 2009, p. 380).

Até o final do século XIX, a ilustração em solo brasileiro foi pouco significativa, e a maioria dos livros era impressa sem ilustrações (PEREIRA, 2009, p. 383).

Foi somente a partir das inovações introduzidas por Monteiro Lobato, ainda segundo Nilce M. Pereira (2009, p. 383), é que as ilustrações passaram a ser destacadas nas obras de ficção, sendo ele o responsável por uma verdadeira revolução editorial na década de 1920. Abaixo, reproduzimos as capas de duas obras de sua autoria: *Urupês* (1918) e *Saci* (1921)<sup>4</sup>.



<sup>4</sup> A montagem das três capas de *Urupês* foi feita com o uso do programa PhotoScape e as ilustrações foram extraídas dos seguintes sites: [http://www..iel.unicamp.br/cedae/Exposições/Expo\\_Lobato\\_BL/urupês.html](http://www..iel.unicamp.br/cedae/Exposições/Expo_Lobato_BL/urupês.html); <http://cidadesaopaulo.olx.com.br/livro-urupes-monteiro-lobato-iid>; [http://pnld.edunet.sp.gov.br/2004/Modulo/ver-livro\\_esp?](http://pnld.edunet.sp.gov.br/2004/Modulo/ver-livro_esp?) Acesso em 16/11/2010. A ilustração da obra *Saci* foi retirada de <http://naufraço-da-utopia.blogspot.com/2010/11/estao-vendo-pegaram-o-saci-perere.html>. Acesso em 16/11/2010.

Um fato que chama a atenção nas ilustrações acima são as cores fortes, presentes em quase todas as capas. No caso de *Urupês*, a primeira capa é quase incolor, destacando-se o desenho de árvores entrelaçadas. Da primeira para a terceira capa dessa obra, percebe-se, nitidamente, a evolução do aspecto cromático, com evidente destaque do colorido que se encontra na terceira edição de *Urupês*. Sendo assim, fica evidente a ênfase no emprego das cores a partir da segunda capa da obra de Monteiro Lobato. Os desenhos coloridos, além de procurar dar uma idéia do conteúdo de tais obras, também buscam chamar a atenção do leitor, para que ele se interesse pelo livro e venha a comprá-lo.

O livro ilustrado apresenta a peculiaridade de colocar lado a lado (PEREIRA, 2009, p. 385) não somente dois meios distintos, um verbal e um visual, mas também dois tipos de linguagem que diferem entre si enquanto realizações estéticas, mas que possibilitam uma maior eficácia na recepção, interpretação e compreensão da obra, conforme vamos destacar em nas considerações que vamos tecer ao longo de nossa exposição.

83

## **2. A ILUSTRAÇÃO, O LIVRO ILUSTRADO E O DIÁLOGO ENTRE TEXTO E IMAGEM**

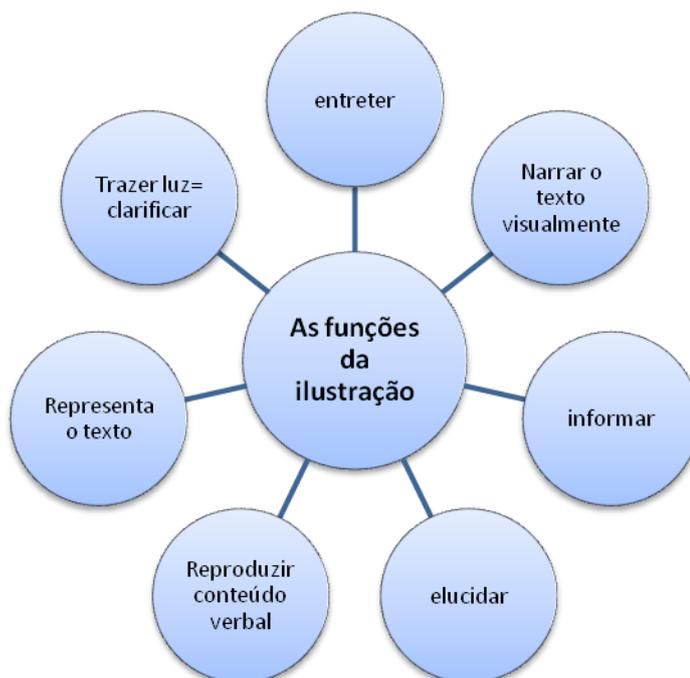
As ilustrações são responsáveis pela transmissão de referentes de uma cultura para outra, acompanhando as tendências manifestadas pela literatura, representada nos movimentos estéticos e literários.

O livro ilustrado faz este elo entre as representações verbal e visual. O encontro da palavra com a imagem forma um conjunto, que propicia o entendimento de suas relações dialogais.

As imagens desempenham, na representação do texto, grande importância na recepção da obra, pois procuram captar a atenção do receptor e, não podemos nos esquecer, que as ilustrações, principalmente as das capas dos livros, são o grande chamariz oferecido pelas editoras para vender as obras que compõem os seus acervos.

Assim como as palavras, as imagens possuem temporalidade, ritmo por meio das sequências em que são ordenadas, ou seja, “a imagem é capaz de narrar uma história tanto quanto as palavras” (PEREIRA, 2009, p. 387). Além disso, a ilustração

pode revestir-se de uma série de funções, como as que apresentamos no quadro abaixo:



Entre as funções da ilustração, podemos destacar a busca por informar, elucidar, clarificar, entreter o leitor, além de representar o texto, reproduzir o seu conteúdo verbal e narrar visualmente o texto para o seu receptor.

As ilustrações compreendem outras formas de se evocar o texto, esclarecê-lo e acrescentar ideias que não poderiam ser generalizadas.

Muitas ilustrações são feitas de propósito para um texto específico.

A primeira vista, uma imagem começa a ser uma ilustração quando, de algum modo, foi feita para representar visivelmente um texto ou seu contexto. Poderíamos até afirmar que esta será sempre, sem sombra de dúvida, uma das características mais destacadas da ilustração e que é complementada pelas demais funções que expusemos acima.

Graça Lima (2008, p. 41), que exerce a função de ilustradora há vários anos, tece as seguintes ponderações sobre a tarefa do ilustrador:

A obra de um ilustrador é uma arte, porque assim como os pintores, os escultores, os músicos ou qualquer outro tipo de artista, ele tem a

mesma necessidade de fazer compreensíveis seus sonhos e, por meio de sua capacidade profissional, interpretar o mundo em que vive dando sua visão imaginativa e real à sociedade.

A visão do ilustrador, portanto, é a primeira interpretação da obra, pois para ilustrá-la, ele precisa lê-la e compreender os sentidos das palavras que a compõem. Dessa maneira, o ilustrador já fornece elementos para que o leitor possa decodificar a mensagem da obra que ele tem em mãos, como podemos constatar nas análises das imagens que fazem parte das obras *Esteiros* e *Capitães da areia*, selecionadas para o desenvolver o presente artigo.

### **3. A ILUSTRAÇÃO NO ROMANCE *ESTEIROS*, DE SOEIRO PEREIRA GOMES**

*Esteiros* (1941) é um romance português que faz parte da estética neo-realista e cuja temática trata do trabalho infantil na Vila de Alhandra, em Portugal.

É uma obra de profunda denúncia social (injustiça e miséria), que narra a história de um grupo de crianças, as quais, desde cedo, abandonam a escola para trabalharem em uma fábrica de tijolos.

Os esteiros são minúsculos canais abertos na margem do rio Tejo (partes estreitas – braço do rio) de onde as crianças tiravam o barro para a construção de tijolos e telhas.

O autor da obra, Soeiro Pereira Gomes, nasceu em Gestação, em 14 de Abril de 1909 e faleceu em Lisboa, em 5 de Dezembro de 1949. Ele foi um dos grandes nomes do neo-realismo literário em Portugal. Foi militante comunista, desenvolveu uma sensibilidade social muito grande, que se refletiu no seu trabalho onde está sempre presente a denúncia das desigualdades e das injustiças.

O ilustrador do livro em apreço, Álvaro Cunhal, pertenceu ao partido Comunista e entrou na clandestinidade em 1935. Foi colaborador de vários jornais e atacava o regime salazarista. Sendo amigo de Soeiro, foi convidado a ilustrar a primeira edição de *Esteiros*.

Pelo tema da obra, compreende-se a dedicatória: “Aos filhos dos homens que nunca foram meninos”. Esta mensagem que antecede as páginas do livro expressa uma vaga ideia de esperança envolvida com descrença, desânimo e desencantamento, uma vez que forçadas ao trabalho desde tenra idade, as crianças

perderiam toda a etapa da infância, passando automaticamente a fazer parte do universo dos adultos, com todos os seus problemas e desilusões.

No caso do romance *Esteiros*, as ilustrações influenciaram de forma eficaz na recepção da obra. As imagens possuem temporalidade, sugerindo a passagem do tempo (marcada pelas estações do ano) assim como as ações dos personagens. Vejamos a ilustração<sup>5</sup> que surge na obra no capítulo intitulado “Outono”:

### OUTONO



86

A ilustração mostra o trabalho das crianças na extração do barro que será utilizado na produção de telhas e tijolos. O outono é o período que marca o início do declínio do trabalho dos operários (crianças e adultos), pois os ventos e as chuvas que se iniciam, impedem a realização de qualquer trabalho, fato que trará sérias consequências para os que necessitam exercer uma tarefa remunerada para se sustentar. No romance, o fim do outono e a chegada do inverno é retratado nos seguintes termos:

Fecharam os telhais. Com os prenúncios de outono, as primeiras chuvas encheram de frêmito o lodaçal negro dos esteiros, e o vento agreste abriu buracos nos trapos dos garotos, num arrepio de águas e de corpos. Também sobre os fornos e engenhos perpassou lufada desoladora, que não deixava o fumo erguer-se para o alto. Que indústria como aquela queria vento, é certo; mas sol também. -- Vento para enxugar e sol para calcinar -- sentenciavam os mestres. Mas o sol andava baixo: não calcinava o tijolo, nem as carnes juvenis da malta. (GOMES, 1987, p. 13).

<sup>5</sup> As ilustrações da obra *Esteiros* foram reproduzidas do site <http://voarforadaasa.blogspot.com/2009/04/esteiros-soeiro-pereira-gomes.html>. Acesso em 16/11/2010.

Com a chegada do outono, a chuva e o vento atrapalhavam o trabalho dos telhais: “Assim ficaram as eiras desertas. Apenas no Telhal Grande haviam ainda algumas dezenas de tijolos que o mestre mandara pôr em fio, por causa do tempo ruim”. (GOMES, 1987, p.14). Vale destacar que, seguido ao outono, começa o inverno, agravando ainda mais os problemas dos operários dos esteiros que não podem trabalhar durante esse período do ano.

Esta outra ilustração também reproduz o estafante trabalho infantil realizado nas olarias pertencentes a poucos personagens que possuem dinheiro e, dessa forma, podem explorar seus empregados e usam a sua força de trabalho enquanto são saudáveis e podem trabalhar. Depois disso, descartam-nos, como é comum em todos os sistemas capitalistas que conhecemos.



Na epígrafe do romance, já se encontra uma alusão velada ao sistema capitalista: “Esteiros. Minúsculos canais, como dedos de mão espalmada, abertos na margem do Tejo. Dedos das mãos avaras dos telhais, que roubam nateiro às águas e vigores à malta. Mãos de lama que só o rio afaga.”

Os canais de água, percorridos principalmente por crianças para extrair o barro necessário às olarias, são personificados e assumem características humanas, pois possuem “mãos avaras” que exaurem as forças e a vitalidade daqueles que são obrigados a trabalhar em locais tão insalubres, que provocam a fraqueza e doenças e, em última instância, provocam a velhice precoce e a morte das crianças obrigadas a assumir tarefas e trabalhos que são próprios dos adultos.

Dentre os personagens do romance, que vivenciam condições deploráveis de trabalho, destaca-se Gaitinhas, um garoto que realiza, juntamente com outras crianças, um ofício desumano e mal remunerado: “Gaitinhas deu o ombro à carga, mas deixou-a cair, derreado pala violência do calor que lhe trespassou a camisa e

queimou os ombros e orelhas. Um empurrão do mestre fez-lhe brotar lágrimas de raiva.” (GOMES, 1987, p.169). Nessa passagem, a violência desdobra-se, pois é provocada pelo calor intenso e pelo chefe de Gaitinhas, que o agride para que ele não interrompa o seu trabalho. Assim, as crianças tornam-se vítimas não só das condições climáticas adversas, mas também dos adultos que as rodeiam.

Na ilustração acima, os garotos trabalham o dia todo nos telhais, como se pode observar na seguinte descrição extraída do romance *Esteiros*. “Ali se guardava o suor de um Verão de fadigas. Vento e sol; fadigas e suor – era o que os Telhais queriam”. (GOMES, 1987, p.14). Novamente, pelo recurso da personificação, seres inanimados como é o caso dos Telhais, são imbuídos de características humanas, transformando-se em elementos opressores a serviço dos patrões, os quais vivem da exploração e da miséria dos operários.

O trabalho era pesado e árduo: “[...] As bagas de suor disfarçavam lágrimas mal contidas” (GOMES, 1987, p.170), mostrando uma realidade imutável, que consumia a vida dos garotos, sem que nada pudesse alterar esse fato.

Na ilustração seguinte, observamos os jovens olhando para os esteiros, impedidos de realizar qualquer trabalho, devido às condições climáticas – chuvas, ventos – do final de outono e princípio do inverno, os quais impedem a realização do trabalho cotidiano:



O fragmento, que transcrevemos a seguir, dá conta da situação na qual se encontram os trabalhadores dos esteiros: “Madrugada de fim de Outono, frio e nevoento, a anunciar Inverno farto de águas e de fome” (GOMES, 1987, p.40). O

inverno traz as águas das chuvas e, conseqüentemente, a fome ocasionada pela falta da atividade laborativa.

Durante o inverno, portanto, o trabalho era escasso, provocando a falta de comida e de condições mínimas para a sobrevivência: “O Telhal está silencioso e deserto e o vento zune no caniço dos esteiros, negros como breu. No céu, nem uma estrela. As luzes mortíferas dos saveiros, ao longe, adensam a noite.” (GOMES, 1987, p.174). A descrição é aterradora e o cenário que o narrador oferece ao leitor, ressaltado pela cor negra, revela um mundo sem esperança, no qual parece só restar a dor e a infelicidade.

Muitos garotos desesperavam-se, pois não receberiam a “féria” (como chamavam o salário), que ajudava no sustento da família. Uns tinham irmãos pequenos, outros um ente querido doente, mães e pais que dependiam do pouco salário advindo de seu trabalho em condições sub-humanas..

O desespero leva-os aos furtos em pomares, feiras e residências, enfim, encaminha-os para a marginalidade, pois não há outra saída para continuarem a sobreviver.

A proximidade dos garotos, na ilustração que segue, comprova a tentativa de se defenderem do frio e o fato de se unirem para praticarem pequenos roubos e infrações, para conseguirem o que comer:

#### INVERNO



Nota-se que o inverno torna-se um elemento que piora a situação dos meninos e homens que trabalham nos telhais, pois não permite que eles trabalhem e, sem trabalho, ficam sem dinheiro e não podem manter o próprio sustento, nem o de suas

famílias, conforme já destacamos. O narrador ressalta a situação dos garotos e a sua miséria na seguinte passagem do romance:

Mãos esquecidas nos bolsos e pés roxos de frio, os garotos cosiam-se com os portais, à espera do caldo ou do sol que pouco aquecia. Senhores das ruas, abandonaram-nas no ímpeto das águas e do vento, vencidos pela luta desigual. E lá se foi o mundo imaginário em que brincavam. (GOMES, 1987, p.53).

A realidade não é promissora para esses garotos, que são obrigados a abandonar a infância em função de uma atividade laborativa e que ficarão marcados para sempre por esse acontecimento.

Os garotos tinham desejos, sonhos infantis, uns sonhavam com a escola, outros com o pai que partira sem destino e, ansiosos, todos idealizavam uma vida melhor, livre e digna que não se concretiza no final do romance.

O patrão e proprietário dos telhais, o senhor Castro, acaba vendendo a sua propriedade. Assim, os operários ficam sem o seu ganha-pão e o desânimo toma conta de todos, porque não sabiam se o novo proprietário iria ou não continuar as atividades de extração de barro para a fabricação de tijolos e telhas.

A história destes garotos termina no capítulo V, mas para Soeiro Pereira Gomes ela permaneceu, pois os esteiros agora cheios de água representam as lágrimas dos garotos e de suas famílias que permanecem entre uma vida sofrida e os sonhos, pois uns continuaram a roubar, outros partiram com as famílias e outros permaneceram a sonhar: “Gaitinhas – cantor vai com o Sagui correr os caminhos do mundo, à procura do pai”. E quando o encontrar, virá então dar liberdade ao Gineto (líder que foi preso) e mandar para a escola aquela malta dos telhais – moços que parecem homens e nunca foram meninos. (GOMES, 1987, p. 175).

Poeticamente, o personagem Gaitinhas surge como algo positivo dentro de uma realidade que parece não apresentar saídas satisfatórias para os pequenos jovens que passaram a se dedicar ao trabalho muito cedo, chegando precocemente ao mundo da marginalidade e, com Gaitinhas, surge a possibilidade de transformação dessa realidade, marcada pela dor e pela infelicidade.

#### **4. A ILUSTRAÇÃO NO ROMANCE *CAPITÃES DA AREIA***

*Capitães da Areia* (1937) é um romance brasileiro e urbano. Trata das desigualdades sociais. Conta a história de um grupo de menores abandonados e marginalizados que aterrorizam Salvador. São quase cem meninos entre 8 e 16 anos que viviam num trapiche abandonado. Foram discriminados, excluídos pela sociedade e pelo governo, mas tinham muitos sonhos e desejos.

O autor da obra, Jorge Amado (1912-2001), foi um grande escritor da década de 30. Seus romances são de caráter crítico e investigativo que caracterizavam a denúncia social além de utilizar o psicológico para dar maior profundidade aos dramas de seus personagens.

Em 1937 escreveu *Capitães da Areia*, romance urbano que trata das desigualdades sociais entre ricos e pobres, da exclusão de menores de ruas abandonadas por parte da maioria da população e do governo.

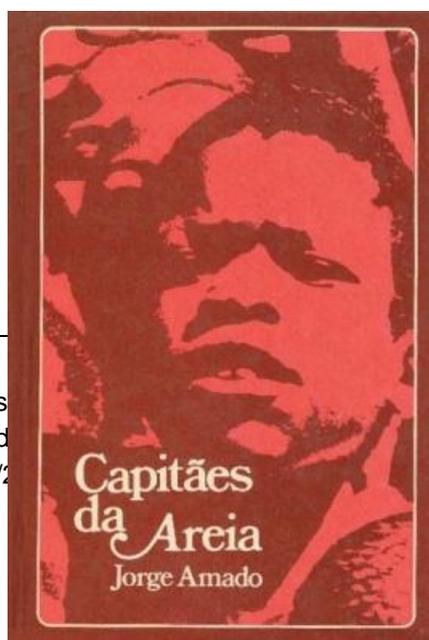
O ilustrador do romance, Napoleon Potyguara Lazzarotto, conhecido como Poty (1924 – 1998) era natural de Curitiba, Paraná. Foi gravador, desenhista, ilustrador, muralista e professor. Organizou, na década de 1950, cursos sobre Gravuras em Curitiba, Salvador e Recife.

Teve relevante atuação como ilustrador de obras literárias como as de Jorge Amado, Graciliano Ramos, Euclides da Cunha e Dalton Trevisan. Também foi autor dos livros *A Propósito de Figurinhas* (1986) e *Curitiba de Nós* (1989). Foram lançadas várias publicações sobre sua produção.

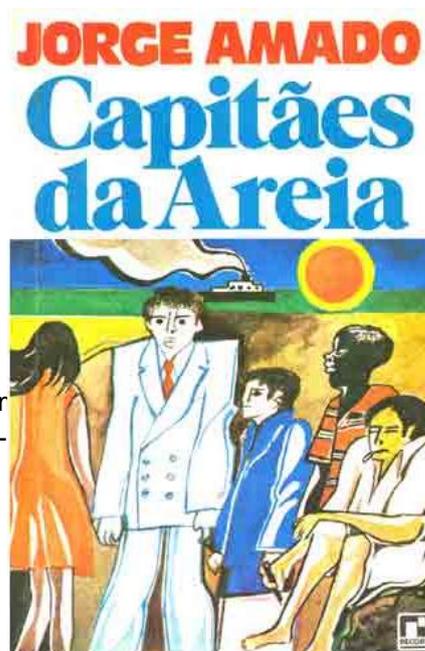
Na sequência deste artigo, reproduzimos quatro ilustrações<sup>6</sup> de capas do livro *Capitães da areia*:

6

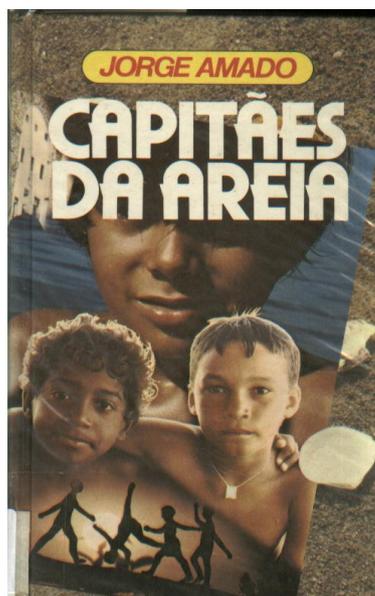
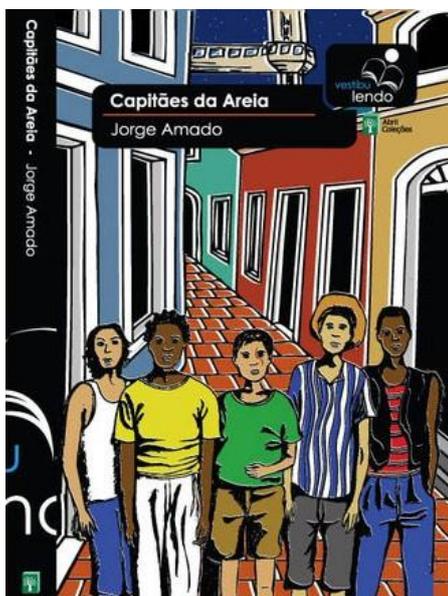
<http://s>  
<http://d>  
16/10/2



ertencem  
ogspot.cor  
pitaes-da-



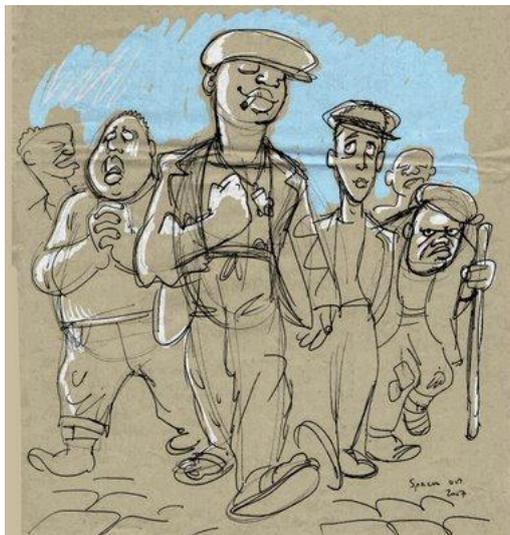
sites:  
esigner;  
o em



Estas imagens são capas de diferentes edições de *Capitães da Areia*. Em todas elas percebemos as expressões dos meninos que aparentemente eram rudes, violentos, desconfiados, amargurados, mas todos traziam dentro de si os sonhos, alegrias e os desejos de toda criança e adolescente, de acordo com o texto verbal que compõe o romance. As capas, conforme já pontuamos, revelam-se como um valioso artifício para captar a atenção do leitor, interessá-lo pelo conteúdo da obra e ainda como um poderoso expediente publicitário para promover a venda do livro.

Em uma das edições de *Capitães da areia* aparece a seguinte ilustração<sup>7</sup>:

<sup>7</sup> A referida ilustração encontra-se em <http://jubiaba.blogspot.com/2009/03/jubiaba-x-capitães-da-areia.html>. Acesso em 16/11/2010.

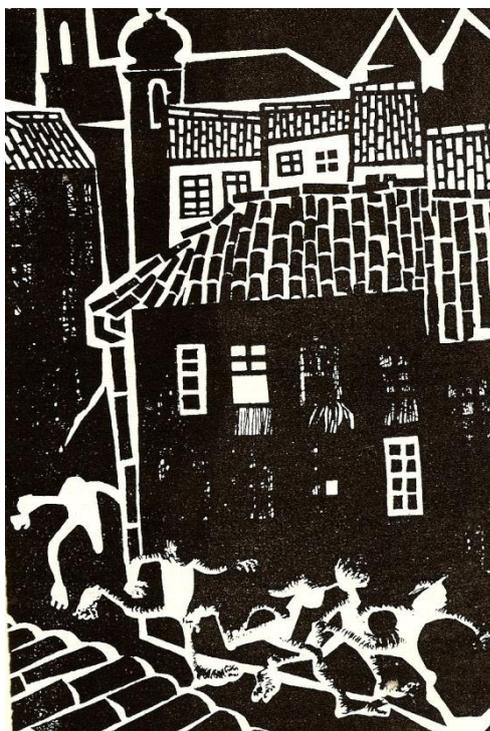


Essa imagem são caricaturas dos garotos. As fisionomias mostram que os mesmos andavam pelas ruas sempre acompanhados pelo chefe Pedro Bala.

No diálogo que segue, percebemos a situação de marginalização dos adolescentes, os quais só convivem e se aproximam de outros seres marginalizados, que são ladrões ou criminosos na sua maioria: “Deixa de ser besta, Bala! Tu bem sabe que do meio da gente só pode sair ladrão... Quem é que quer saber da gente? Quem? Só ladrão, só ladrão” (AMADO, 1983, p.122).

Percebe-se que até os meninos pensavam que ninguém os iria valorizar, que as pessoas sempre os olhariam e só os enxergariam como figuras de marginais, sem futuro, sem perspectivas de uma vida melhor.

A ilustração que segue, bem como as demais, foi extraída da 57ª edição do romance, também mostra a descrição dos meninos feita pelo autor: “Vestidos de farrapos, sujos, semi-esfomeados, agressivos, soltando palavrões e fumando pontas de cigarro, eram, em verdade, os donos da cidade” (AMADO, 1983, p.27).



A cor escura da ilustração desvela o universo de atuação dos jovens na sintagmática narrativa de *Capitães da areia* – a cidade – durante o período noturno, no qual podem agir com mais facilidade, sem serem notados e assim praticar pequenos furtos e outras infrações comuns em todas as cidades do mundo contemporâneo.

A ilustração que segue dá conta da atuação dos menores infratores pelas ruas da cidade da Salvador:



Confirmamos duas passagens do livro que enfatizam o modo de atuar dos adolescentes de Capitães da areia:

Um rumor de conversa se aproxima. Vem um grupo de quatro entrando no silêncio que já reina na noite do trapiche. (AMADO, 1983, p.37).

Não havia ninguém no trapiche. Deviam estar todos espalhados pelas ruas da cidade, cavando o jantar. (AMADO, 1983, p.51).

É a noite, como já apontamos, que proporciona as facilidades necessárias para a atuação do pequeno grupo. O narrador ainda ressalta a procura por comida por parte dos garotos, que partem em busca de seu jantar, o qual poderá ser obtido pela comiseração das pessoas ou mediante o roubo de pequenos objetos que possam ser vendidos ou trocados por alimentos. Na imagem que ilustra essa parte da narrativa, vemos o rosto de quatro personagens, sendo que dois deles encontram-se com instrumentos cortantes nas mãos, possivelmente navalhas, as quais serão utilizadas para cometer os delitos que mencionamos.

Os meninos levavam uma vida dura, faltava-lhes comida, conforto, carinho e sem dúvida, muito amor. Dessa maneira, os garotos reproduzem um mundo de violência vivenciado em suas casas, marcado pela falta de afeto e de condições dignas de sobrevivência. Essas carências que nunca são supridas, transformam os adolescentes em seres revoltados, que vêem na marginalidade a única saída para a

sua sobrevivência, conforme observamos também em relação aos personagens da obra *Esteiros*, de Soeiro Pereira Gomes.

O carrossel, reproduzido na ilustração seguinte retirada do romance, é uma das imagens que povoam o mundo do imaginário infantil. Esse brinquedo remete a uma vivência que faz parte da realidade da maior parte das crianças – o ato de frequentar um parque infantil – o qual é um espaço onde a criança tem seus melhores momentos da vida infantil, é plenamente feliz e não tem quaisquer preocupações. O parque infantil pode ser visto como a metáfora de uma infância feliz, fato que contrasta enormemente com a vida dos garotos marginalizados de *Capitães da areia*.



Na narrativa de Jorge Amado, até Pedro Bala, chefe dos garotos e alguém severo e duro em várias passagens do livro, deixa-se impressionar pela imagem do carrossel: “É uma beleza – disse Pedro Bala olhando o velho carrossel armado” (AMADO, 1983, p. 59). No entanto, não é só Pedro Bala que se encanta com o brinquedo, os demais componentes do bando também se emocionam: “[...] estavam cheios de desejo de andar nos cavalos, de girar com as luzes. Eram crianças, sim – pensou o padre” (AMADO, 1983, p.73).

Apesar de viverem num mundo onde a violência predomina e é também praticada por eles, os garotos, no momento em que estão no parque de diversões

diante do carrossel, revelam o seu lado infantil e a chance de encontrar uma felicidade, ainda que seja momentânea.

Dentro da obra, merece destaque a figura do padre José Pedro, o único que se preocupa verdadeiramente com o destino daqueles seres marginalizados.

O padre aproximava-se dos meninos, pois seu grande desejo era catequizar as crianças abandonadas da cidade, que não tinham famílias e viviam do roubo, em meio a todos os vícios.

As três ilustrações que seguem buscam retratar o cenário noturno da cidade onde Pedro Bala e seu bando praticam pequenos furtos e atos de violência, pois eles não encontram outra forma de solucionarem seus problemas e reproduzem uma realidade que se inicia com o abandono por seus familiares e que poderá levá-los à prisão ou à morte.

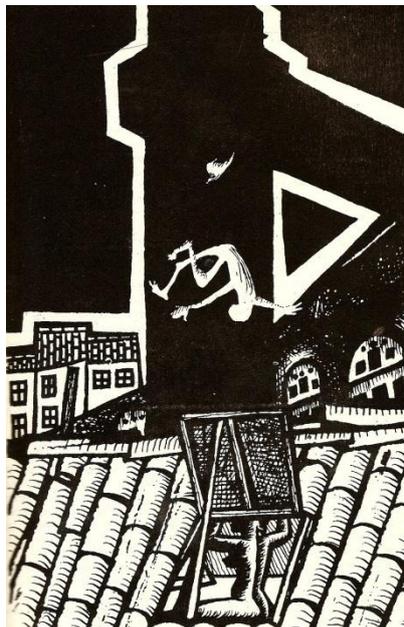


A cor escura está presente em todas as ilustrações da obra e desvelam o submundo no qual vivem e convivem os garotos comandados por Pedro Bala:



Essa segunda ilustração serve para retratar um momento de descanso de Pedro Bala e revela um lado subjetivo de quem parecia dominado completamente pela dureza e crueldade da realidade que o cercava: “Encontraram Pedro Bala estendido na areia. O chefe dos Capitães da Areia não entrara no trapiche nesta noite. Ficara espiando a lua, deitado na quentura boa da areia” (AMADO, 1983, p. 160). Em vários momentos, o lirismo invade o mundo dos personagens, como no caso do parque infantil, para demonstrar que, embora vivam constantemente sendo violentos e sofrendo violências, algo de bom ainda se conserva em todos aqueles adolescentes que partiram para o roubo ou até mesmo para crimes mais violentos.

Observemos uma última ilustração do romance:



Na ilustração acima, novamente, destaca-se a escuridão e os telhados das casas, locais por onde circulavam os adolescentes do romance, que vigiam e procuram oportunidades para a prática de atos infracionais. A ilustração serve como um reforço do discurso verbal.

E as ilustrações podem dizer muitos outros sentimentos e expressões dos Capitães da Areia. Elas revelam nas entrelinhas um pouco da narrativa, dos personagens e do contexto social.

O romance mostra a realidade dos garotos de rua chamados Capitães da Areia. Nos romances de Jorge Amado e, principalmente, em *Capitães da areia*, notamos grandes preocupações sociais, por meio das histórias de seus personagens. Alguns são órfãos, outros abandonados. Passam a serem intitulados como heróis por sobreviverem por si mesmos e pela união do grupo. As preocupações sociais dominam, mas os problemas existenciais os transformam em personagens únicos e corajosos. O autor também deixa claro o descaso dos governantes e da sociedade em geral em relação ao problema das crianças e adolescentes abandonados e marginalizados nas grandes cidades.

No término da narrativa, cada personagem tem seu desfecho. Uns vão atrás de seus sonhos, outros morrem, outros continuam na busca de um ideal. E assim percebemos que a história continua, os fatos se repetem nos dias atuais e os problemas continuam sem solução... E nós podemos a cada instante ilustrar em

nossas mentes as histórias dos *Capitães da areia* e dos meninos em *Esteiros* e relacioná-las com a realidade de muitos adolescentes, que vivem nas ruas, viciados, sem apoio, sem lazer, trabalho e família. São cenários ilustrativos e imagens reais que nos rodeiam quotidianamente.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Podemos observar que as imagens têm grande importância na recepção de uma obra. Como observamos na análise das ilustrações dos romances *Esteiros* e *Capitães da areia*. Tais ilustrações centram-se no contexto das obras e buscam reproduzir o conteúdo verbal pelo emprego da arte pictórica.

Em síntese, a “ilustração literária é como um espelho de mão, no qual se podem ver refletidos os grandes acontecimentos históricos, as transformações sociais e o movimento das ideias no decorrer dos séculos”, como acertadamente pondera J. Harthan (apud PEREIRA, 2009, p. 381) e, por isso a ilustração de uma obra torna-se um precioso instrumento que auxilia leitores, teóricos e críticos na sua interpretação e cognição.

No caso dos romances mencionados neste artigo, as ilustrações têm um papel importante, na medida em que irmanam o texto verbal e o não-verbal para propiciar uma interpretação mais acurada das histórias dos meninos de *Esteiros* e dos garotos de *Capitães da areia*.

Podemos concluir que, para nós, as ilustrações e as imagens enriquecem a literatura, somam e acrescentam elementos valiosos para nossa compreensão e interpretação, fornecendo-nos diferentes e instigantes caminhos significativos.

## **REFERÊNCIAS**

- AMADO, Jorge. **Capitães da areia**. 57. ed. Rio de Janeiro: Record, 1983.
- GOMES, Soeiro Pereira. **Esteiros**. Portugal: Editorial Avante, 1987.
- LIMA, Graça. **Nos caminhos da literatura**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- PEREIRA, Nilce M. Literatura, ilustração e o livro ilustrado. In: BONNICI, Thomas e ZOLIN, Lúcia Osana (org.). **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 3. ed. rev. e ampl. Maringá: Eduem, 2009, p. 379-393.
- Sites consultados:

[http://www.iel.unicamp.br/cedae/Exposições/Expo\\_Lobato\\_BL/urupês.html](http://www.iel.unicamp.br/cedae/Exposições/Expo_Lobato_BL/urupês.html). Acesso em 16/11/2010.

<http://cidadesaopaulo.olx.com.br/livro-urupes-monteiro-lobato-iid>. Acesso em 16/10/2010.

[http://pnld.edunet.sp.gov.br/2004/Modulo/ver-livro\\_asp?](http://pnld.edunet.sp.gov.br/2004/Modulo/ver-livro_asp?) Acesso em 16/11/2010

<http://www.vidaslusofonas.pt/soeiro.htm>. Acesso em 16/11/10.

<http://naufraço-da-utopia.blogspot.com/2010/11/estao-vendo-pegaram-o-saci-perere.html>. Acesso em 16/11/2010.

<http://voarforadaasa.blogspot.com/2009/04/esteiros-soeiro-pereira-gomes.html>. Acesso em 16/11/2010.

<http://seggermodernistasbrasileiraprosa.blogspot.com>. Acesso em 16/10/2010.

<http://cahfelix.wordpress.com/designer/>. Acesso em 16/10/2010.

<http://dofanaisan.blogspot.com/2010/04/capitães-da-areia-uma-realidade.html>. Acesso em 16/10/21010.

<http://jubiaba.blogspot.com/2009/03/jubiaba-x-capitães-da-areia.html>. Acesso em 16/11/2010.